

DAS PRIMEIRAS NOÇÕES DE SIGNO AOS PLANOS DA LINGUAGEM NA SEMIÓTICA GREIMASIANA

FROM THE FIRST NOTIONS OF SIGN TO THE PLANES OF LANGUAGE IN GREIMASIAN SEMIOTICS

Carolina Mazzaron de CASTRO¹

Jean Cristtus PORTELA²

Resumo: Neste artigo, iremos apresentar uma perspectiva teórico-metodológica sobre as noções de signo que, posteriormente, remetem à noção de planos da linguagem na semiótica discursiva. Faremos uma abordagem diacrônica das principais noções de signo entre o final do século XIX e XX até as primeiras noções de Greimas sobre os planos da linguagem. A corrente metodológica a respeito de signo, postulada por Saussure, graças à perspectiva real sincrônica que se deu aos estudos pré-saussurianos, possibilitou a ultrapassagem da comparação entre línguas e influenciou as acepções gerais da linguística como ciência no século XX. Os planos da linguagem na semiótica discursiva surgem nesse contexto quando Greimas designou como significado a significação ou as significações recobertas pelo significante, em que a existência de um elemento pressupõe o outro e atribuiu que a significação independe da natureza do significante na qual se manifesta.

Palavras-chave: Semiótica discursiva. Signo. Planos da Linguagem.

1 Doutora pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara/SP. E-mail: carollcastro@gmail.com

2 Professor do Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara/SP. Pesquisador do CNPq. E-mail: jean.portela@unesp.br

Abstract: In this article, we will present a theoretical-methodological perspective of the notions around the concept of sign that later refer to the notion of language planes in Discourse Semiotics. We will take a diachronic approach to central notions of the sign from the late nineteenth and twentieth centuries to Greimas' first conceptions of language planes. Thanks to the real synchronic perspective given to pre-Saussurean studies, the methodological framework postulated by Saussure made it possible to surpass the comparison between languages and influenced the general meanings of linguistics as science in the twentieth century. The language planes in Discourse Semiotics emerged when Greimas defined as signified the signification comprised by the signifier (in which the existence of one element presupposes the other) and concluded that the signification does not depend on the nature of the signifier by which it manifests itself.

Keywords: Discourse Semiotics. Sign. Language Planes.

| Introdução

A discussão proposta neste artigo parte das problematizações sobre a noção de signo e as principais acepções empregadas por linguistas que antecedem o projeto semiótico. Compreendemos que apresentar uma perspectiva teórico-metodológica sobre signo resulte em diversos diálogos, afirmações e fundamentações, já que a lista de autores que debatem sobre o termo é extremamente extensa, como podemos observar na obra de Koerner (1972) *Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique*. Nessa perspectiva, concordamos com Koerner (1972) que é impossível tratar de todas as preocupações que podem ter influenciado Saussure (2006 [1916]) no desenvolvimento de sua teoria do signo, particularmente no que se refere ao signo arbitrário e seu caráter bilateral.

Desse modo, a questão que nos norteia se baseia em: como e quais saberes da ciência linguística funcionam e operam no escopo teórico-metodológico da semiótica discursiva na constituição do modelo operatório de análises por meio dos planos da linguagem?

A seleção do tema, relativa ao tratamento da noção de planos da linguagem na semiótica discursiva, se deu levando em conta o importante debate sobre a noção de signo nos séculos XIX e XX, a questão de como a linguística e as possíveis vertentes metodológicas foram percebidas e tratadas por alguns linguistas que antecedem o projeto semiótico de Greimas (1976 [1966]). Embora haja um número relevante de textos que discutam sobre as principais características da semiótica discursiva, procuramos fazer um estudo do tratamento de planos da linguagem com a seleção de subtemas de interesses para esse artigo que compreendam as principais acepções e noções de signo que surgem nos séculos XIX e XX, bem como as noções sobre o caráter *dual* do signo linguístico (o plano do conteúdo e o plano da expressão), e os hipônimos que aparecem nesse contexto e agregam valor à noção de planos da linguagem, como: termos significado e significante como correlatos às acepções de signo no século XIX; termos função

semiótica, conteúdo e expressão, forma e substância como correlatos às acepções de signo e planos da linguagem no século XX.

| Panorama terminológico de signo no século XIX

Destacamos, nesse período que antecede a aceção dos estudos de Saussure (2006 [1916]), os esforços de Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]) sobre a linguística histórico-comparatista. A preocupação dos autores em progredir com a ciência linguística faz com que procurem compreender como as línguas evoluem e não como funcionam. As ideias de Whitney (1870 [1867]), ao comparar as línguas às instituições sociais, e de Bréal (1992 [1904]), em admitir que as línguas mudam – e não morrem, nos levam a compreender, em um primeiro momento, que é a continuidade do signo que possibilita a mudança das línguas. É sobre essa perspectiva que Saussure (2006 [1916], p. 89) admitiu a mutabilidade da língua caracterizada como um “deslocamento da relação entre o significado e significante”, justificado e produzido pela arbitrariedade do signo. Assim, seria pela relação entre duas faces do signo, chamadas *a priori* de significado e significante, que a linguagem seria constituída por meio das ideias e dos sons. Para Saussure (2006 [1916], p. 130), sem a existência do valor dos signos (sustentados pela estrutura da língua), o pensamento não passaria de “uma massa amorfa e indistinta”. Koerner (1972, p. 14) pontua que Whitney problematiza sobre a questão da arbitrariedade e do valor do signo linguístico quarenta anos antes do *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]). Whitney (1870 [1867], p. 32) afirmava que toda língua é uma unificação de signos que são empregados a partir de um signo existente e destacava, ainda, “que nenhuma linguagem permanece, ou pode permanecer a mesma durante um longo período”.

Nesse processo de construção do entendimento das linguagens, o autor conceituava a língua como “instituição concreta” e acrescentou que “toda palavra transmitida é um signo arbitrário e convencional: arbitrário porque qualquer outra palavra poderia ter sido aplicada à idéia; convencional, porque a razão de empregar esta no lugar daquela é que a sociedade à qual a criança pertence a emprega já.” (WHITNEY, 1988 [1875], p. 15-16). Na concepção do autor, esse seria o processo das línguas.

Bréal (1992 [1904]), por outro lado, sustentava o ponto de vista segundo o qual o signo carrega apenas uma das noções associadas ao referente segmentado por um conceito ou uma expressão, ou seja, o signo só possuiria valor no contexto em que é empregado que, para ele, seria uma grandeza complexa e externa à linguagem. O autor compreendia a formação do signo como o princípio, no que tange ao regulamento e ao efeito de sentido da linguagem, no seu exemplo “[...] As leis fonéticas não reinam sem controle; elas não podem mais destruir uma palavra indispensável, o simplesmente útil, assim como não podem fazer durar uma forma supérflua” (BRÉAL, 1992 [1904], p. 72).

Para nós, as ideias empregadas por Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]) compõem um ponto fundamental no entendimento do valor do signo linguístico e da significação

propostos por Saussure (2006 [1916]), que pode ser sintetizado nos seguintes termos por Fiorin (2002, p. 58):

[...] O valor provém da situação recíproca das peças da língua [...] A significação é, então, uma diferença entre um signo e outro signo [...] No interior de uma língua, as palavras que exprimem idéias próximas delimitam-se umas às outras. Por exemplo, os sinônimos como *receio*, *medo*, *pavor*, só têm valor próprio pela oposição. Eles recobrem-se parcialmente, mas também se opõem uns aos outros. Se um deles não existisse, seu conteúdo iria para os outros.

Apesar de fazermos apenas menções às ideias de Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]), não podemos deixar de ressaltar que os pressupostos apresentados por Whitney (1988 [1875]), sobre a arbitrariedade do signo, e a semântica geral de Bréal (1992 [1904]) fizeram alusão às ideias que se aproximam de Saussure (2006 [1916]). A pressuposição de que há forma e sentidos numa palavra, por exemplo, remete à noção saussuriana de signo pela relação entre significado e significante. Além disso, a proposta de que, em uma série lexical o desaparecimento de um termo irá afetar os demais, remete à noção saussuriana de significação determinada pelo valor dos signos e as relações sintagmáticas e, posteriormente, às ideias de Hjelmslev (2006 [1940]) sobre a noção de fúntivos e de função semiótica.

Saussure (2006 [1916]) discutiu sobre uma ideia consistente a respeito da filosofia da linguagem e também das mudanças que considerava necessárias na forma de pensá-la e estudá-la. Milner (1987) destacou como pontos fundamentais da teoria desenvolvida por Saussure (2006 [1916]) duas noções importantes: de signo, como um conceito fundamental no *Curso de Linguística Geral* e de relação, como a ideia de valor que permite a existência do signo. É justamente sobre esses dois pontos que pretendemos discorrer brevemente para (re) lembrar alguns aspectos importantes na construção de planos da linguagem na semiótica discursiva. Pelo princípio da semiologia, apresentado por Saussure (2006 [1916]), nota-se alguns hipônimos utilizados como: símbolo, signo, sema, vocábulo, entre outros, para as definições de significado/conceito e significante/imagem acústica, que são definidos para explicar as unidades da língua por meio dos termos de valor. Em outras palavras, compreende-se que o termo “valor linguístico”, apresentado pelo autor, não diz respeito ao conceito (propriamente dito), mas à significação em sua totalidade no sistema. Assim, a dimensão de significado é expressa no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) através da noção de signo linguístico – composta pelo significado e significante e pelo conceito de valor, o qual possui uma dimensão semântica.

O signo em Saussure (2006 [1916]), embora pareça abstrato, pela relação psíquica entre significado e significante, pode ser considerado algo tangível e só pode ser tangível pela relação entre significado e significante. Sobre esse aspecto, concordamos com Benveniste (1988 [1966], p. 55) que enfatizava ser arbitrária a relação entre o signo e a realidade, mas necessária entre o significado e significante. Benveniste (1988 [1966]),

p. 56) afirmava que “o arbitrário é que um signo, e não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não outro”. O autor dizia ainda que “o arbitrário só existe aqui em relação com o fenômeno ou o objeto material e não intervém na constituição própria do signo” (BENVENISTE, 1988 [1966], p. 57).

Nessa perspectiva, a questão da imutabilidade e mutabilidade do signo proposta no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006 [1916]) agregou definições até então “desprezadas” por outros autores no século XIX e pela Filologia em geral. A solidariedade na relação entre significado e significante, por exemplo, constituiria o valor do signo linguístico numa composição sintagmática e essa mesma relação é “ligada à alteração no tempo” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 91). O autor dissertava sobre as mudanças relativas ao contexto social e observava o signo como “fator mutável”, se pensarmos nas suas alterações ao longo do tempo, em que significante e significado podem produzir outro tipo de significação, “O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha; a infidelidade ao passado é apenas relativa. Eis porque o princípio de alteração se baseia no princípio de continuidade” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 89).

Assim, se a linguística se desloca de um paradigma naturalista, como vimos em Whitney (1870 [1867]), em relação a um paradigma da história, o caráter histórico da linguagem não é em Saussure (2006 [1916]) homogêneo, justamente pela relação solidária entre as duas faces do signo. Por outro lado, Saussure (2006 [1916]), mesmo que de forma indireta, reestabeleceu alguns pontos apresentados por Bréal (1992 [1904]) em *O ensaio de semântica*, considerando a vontade humana que preside às mudanças da linguagem. Nessa discussão, o emprego do “jogo binário” estabelecido por Saussure (2006 [1916]), que é o fundamento do estruturalismo na compreensão do caráter *dual* da linguagem, significado e significante, projetou a noção do sistema da língua que seria formado por um conjunto de signos que se relacionam e se coordenam para formar um todo. Desse modo, os signos incorporam valores semânticos por meio das relações entre significado e significante, que são definidas pelas diferenças, bem como pelo caráter antinômico que projetam justamente a singularidade do signo linguístico. Essas ideias do valor diferencial e oposicional do signo chegaram a ser centrais para o estruturalismo no século XX, sobre as quais discorreremos a seguir.

| Panorama terminológico de signo no século XX

A corrente metodológica a respeito de signo, proposta por Saussure (2006 [1916]) no final do século XIX, pressupunha um sistema no qual os elementos se formavam e se definiam pelas suas particularidades, mas que também é oposicional aos demais pelas relações mútuas entre significado e significante que se sobrepõem na totalidade, assim, a significação só existiria nessa relação entre um elemento e outro. A perspectiva de observar a língua de forma sincrônica auxiliou os linguistas pós-saussurianos a analisarem as mudanças linguísticas dentro de um sistema na relação entre os próprios elementos da língua. Assim, o corte epistemológico instaurado por Saussure (2006 [1916]) trouxe aos estudos a questão da imanência e o ponto de vista de que a linguística pode ser uma ciência autônoma da linguagem.

É sobre essa ótica que os estudos avançaram no século XX, como um movimento científico “gestado sistematicamente na linguística, o estruturalismo se tornou o sistema metodológico mais influente do século XX” (LIMA, 2010, p. 36). Assim, as ciências que se ocupam da linguagem nesse século tiveram suas bases influenciadas pelo pensamento estruturalista. Entretanto, o estruturalismo europeu foi segmentado em várias correntes, como: Escola de Praga, representada, por exemplo, pelo pensamento de Trubetzkoy (1890-1938) e Jakobson (1896-1982), a Escola de Londres, representada por Firth (1890-1960) e a Escola de Copenhague, representada por Hjelmslev (2006 [1943]).

Importante destacar que o estruturalismo europeu, em convergência com o método dedutivo e os estudos americanos que se dedicaram à questão da substância postulada por Saussure (2006 [1916]), teve como ponto de partida a noção de “forma”, ou seja, pensavam na linguagem como um sistema anterior a qualquer enunciado (*a priori*). Embora não desprezemos o pensamento das correntes linguísticas que emergem no século XX, consideramos para este artigo os trabalhos de Louis Hjelmslev (2006 [1943]) e de Roman Jakobson (1971 [1952]), como forma de amostragem, para compreender como o projeto semiótico, por meio dos planos da linguagem, carrega heranças linguísticas distintas.

Se Saussure, argumenta Badir (2001, p. 114-114), propõe que o signo seja uma representação da combinação que se dá entre significado e significante, há uma prevalência do sistema sobre os elementos que o compõem. Nesse sentido, questiona que a análise deve partir do todo – sistema/língua – e das relações entre os seus componentes, para que, por fim, se possa definir cada unidade que faz parte do sistema, o signo.

Sobre esse aspecto, Badir (2000, p. 59, tradução nossa)³ esclarece que o linguista Hjelmslev propõe “uma análise linguística e hierárquica em que critérios de análise são acionados e variam do geral ao específico”. O que é apontado por Hjelmslev (2006 [1943]) é a análise de elementos formais menores, isto é: uma análise semiótica do plano de expressão e do plano de conteúdo. Não há, portanto, segundo Hjelmslev (2006 [1943]) função semiótica sem a presença do conteúdo e da expressão. Hjelmslev (2006 [1943]), na década de 40 do século XX, acrescentou à proposta de Saussure (2006 [1916]) os signos não linguísticos, propondo que os signos são subsistemas (figuras), desse modo o signo seria a relação entre a forma do conteúdo e a forma da expressão em que ambos projetariam suas respectivas substâncias: do conteúdo e da expressão. De todo modo, Hjelmslev (2006 [1943], p. 50) conservou duas afirmações centrais de Saussure (2006 [1916]): a língua não é substância, mas forma; e toda língua é ao mesmo tempo conteúdo e expressão. Para o linguista, “considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto, quer entendamos por isso um contexto de situação ou contexto explícito” (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 50).

3 No original: “Selon Hjelmslev, une analyse linguistique est hiérarchisée, en ce sens qu’elle est conduite par des critères qui vont du general au particulier”.

Tendo como base os postulados de Saussure (2006 [1916]), de que as línguas se constituem como sistemas de oposições, a preocupação de Hjelmslev (2006 [1943]), com a *Glossemática*, foi caracterizar as relações por meio das quais as línguas se estruturam, resultando em uma descrição que mostra as relações entre as unidades em vários níveis de análises. As noções em Hjelmslev (2006 [1943]), sobre os planos da linguagem, são muito importantes, pois muito do que sabemos na semiótica discursiva sobre o plano do conteúdo e o plano da expressão aparecem em seus postulados. Hjelmslev (2006 [1943]) acreditava que o sentido é dado em cada um dos planos, assim, *grosso modo*, o sentido do conteúdo corresponderia ao que Saussure (2006 [1916], p. 130) nomeou como uma “nebulosa sêmica” (conjunto de semas conceituais) e o sentido da expressão corresponderia ao que Saussure (2006 [1916], p. 130) nomeou uma “nebulosa sonora” (conjunto de sons que irão expressar uma forma conceitual). Em outros termos, compreendemos que Hjelmslev (2006 [1943]) caracterizava o sentido pelas diversas formas que ele pode apresentar e, conseqüentemente, conteúdos diferentes, a substância para o autor seria de “ordem final” na análise de um texto, já que poderia se manter igual em determinadas circunstâncias, enquanto a forma se alteraria.

Hjelmslev (2006 [1943]) criou, com a *Glossemática*, um construto teórico-metodológico que possibilitou descrever as possíveis relações entre os signos e/ou entre os elementos dos signos, o que possibilitou ao autor tomar como objeto de sua teoria a língua como um sistema e o texto como um processo de análise da forma linguística.

O autor acreditava que cabe à linguística o estudo da forma, o que o leva a “construir” um modelo de análise tanto do conteúdo quanto da expressão, permitindo, assim, a identificação das relações entre invariantes e variantes do sistema no plano do conteúdo e no plano da expressão do signo, por meio dos processos de comutação (no paradigma) e permutação (no sintagma). Ainda como análise sígnica, a *Glossemática* (HJELMSLEV, 2006 [1943]) desenvolveu os conceitos sincretismo e catálise. Em síntese, o sincretismo seria a identidade entre duas formas do mesmo lexema e a catálise a troca de uma grandeza por outra com a qual contrai substituição, nas palavras do autor “[...] a categoria estabelecida por uma superposição será (nos dois planos da língua) um sincretismo” (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 93).

A reformulação, proposta por Hjelmslev (2006 [1943]), da teoria sígnica incorpora a noção de valor que Saussure (2006 [1916]) trabalhou em seu conceito de signo, ou seja, um conjunto de diferenças de ordem fonológica ou semântica, afirmando que o signo seria a união do plano da expressão a um plano do conteúdo e cada plano corresponderia a dois níveis que seriam a forma e a substância. Assim, existiria uma forma do conteúdo e uma substância do conteúdo; uma forma da expressão e uma substância da expressão.

Além da noção de forma e substância, Hjelmslev (2006 [1943]) introduziu os conceitos matéria do conteúdo e matéria da expressão, sendo a matéria do conteúdo o que não tem forma determinada, não analisável; e a matéria da expressão as condições da própria capacidade humana de articular sons, formando os diversos sistemas fonológicos. O

linguista citou como exemplo as seguintes sequências que, em português, podem ser traduzidas como “Eu não sei”: *Jeg véd det ikke* (dinamarquês), *I do not know* (inglês), *Je ne sais pas* (francês), *Em tiedä* (filandês), *Naluvara* (esquimó) (HJELMSLEV, 2006 [1943], p. 56). O exemplo dado pelo linguista demonstra que um mesmo fato enunciado, mesmo que apresente aspectos diferentes pela distinção de cada língua, representa um conteúdo específico, que seria a forma do conteúdo e que independe da substância.

Em outra perspectiva, Jakobson (1971 [1952], p. 34), na década de 50 do século XX, afirmava que o interesse da Linguística deve se pautar na “linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução” e empreendeu uma atualização dos eixos saussurianos, postulando que toda a organização discursiva dos signos da linguagem é estruturada por meio de dois polos: o metafórico (da ordem do eixo paradigmático) e o metonímico (da ordem do eixo sintagmático). O autor passou a depurar do significante “vestígios” da significação analisando o signo como um sistema relacional da comunicação intersubjetiva, proveniente da interação. Dosse (1993, p. 77) caracterizou Roman Jakobson como o “homem-orquestra”, pois, “defende a ideia da imanência do estudo do texto literário [...] que conseguir a junção entre a criação e a ciência, graças à linguística [...]”. Jakobson (1971 [1952]) tomou a linguística como objeto de estudo a partir da poética, o que caracteriza o modo como irá teorizar sobre a língua. Jakobson (1971 [1952] *apud* SCHNAIDERMAN, 1971, p. 9-10) compreendia a poesia como uma linguagem em sua função estética, postulando que “o objeto do estudo literário não é a literatura, mas a literaridade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária”.

Ampliando seus trabalhos sobre o significante, ainda entre os anos de 1928 e 1929, Jakobson (2006 [1930]) elaborou a história da fonologia russa, “provando que as leis estruturais e funcionais constitutivas do sistema sincrônico são igualmente válidas para o desenvolvimento diacrônico e que a sincronia e a diacronia constituem uma unidade dinâmica indivisível” (HOLENSTEIN, 1978, p. 17). O formalismo russo, círculo de estudo do qual Jakobson (2006 [1930]) fizera parte, *a priori*, voltou sua atenção para a substancialidade da escrita, tendo como principal premissa a análise das obras literárias a partir do “palpável”. De acordo com Teixeira (1998, p. 38), nessa época do formalismo russo, Victor Chklovski fora o primeiro a sistematizar a ideia de que a linguagem poética fosse uma “fuga” da língua cotidiana, privilegiando, assim, a sua forma. Foi a partir de suas concepções que surgiu uma nova abordagem por Jakobson (2006 [1930]) que levava em consideração a estrutura verbal do texto que visava observar o ritmo, a métrica, o estilo e a composição textual. Teixeira (1998, p. 38) ressalta que “até então, jamais se chegara a um conceito tão relativo do valor da obra de arte, que passou a ser definida como uma estrutura sêmica contrária ou divergente do padrão dominante”.

Para descrever sobre signo, Jakobson (1970 [1968]) retomou e ampliou o modelo *tripartido* de Lévi-Strauss, buscando destacar a especificidade da linguagem cotidiana voltada para o significado. Em suas palavras:

A linguagem é um dos sistemas de signos, e a lingüística, enquanto ciência dos signos verbais é apenas parte da semiótica, a ciência geral dos signos, prevista, denominada e delineada no Essay de John Locke: ‘Σημειωτική ου “A doutrina dos signos”, dos quais os mais comuns são as palavras. (JAKOBSON, 1970 [1968], p. 14).

O autor é importante para o estudo dos planos da linguagem na semiótica discursiva, pois contribuiu para o que mais tarde Greimas [1975a [1970]] fez ao analisar a estrutura elementar do significado. A ideia de Jakobson (1972 [1967]) sobre as oposições qualitativas e privativas trouxe à lógica os elementos contrários (qualquer elemento que tenha o sentido de polarização) no caso da oposição qualitativa e a superposição de um elemento ao outro (como no uso dos fonemas), no caso da oposição privativa. Zilberberg (2006 [1981], p. 44) sugere que “o autor exige das relações, ora que assegurem os elos de interdependência ou de pressuposição, o que concebe como ‘leis de implicações’ ora que acusem uma simples discriminação”. Dessa forma, as estruturas elementares, postuladas por Jakobson (1972 [1967]), contribuíram para que Greimas, de acordo com Zilberberg (2006 [1981], p. 97), colocasse no mesmo plano o sentido de um elemento por oposição ao outro.

Embora as etapas apresentadas acima pareçam correlatas, procuramos demonstrar como cada uma se organiza dentro de estruturas analítica, conceitual e histórica que compreendam o estudo da apreensão do discurso por meio dos textos, compondo assim a problemática metodológica que originou a semiótica discursiva através da distinção do plano do conteúdo e do plano da expressão.

Sobre o desenvolvimento da linguística na França, na primeira metade do século XX, Dosse (1993, p. 83) nos orienta:

Na França, a efervescência lingüística tal como se manifesta na Europa nos anos 30 não tardou em conhecer prolongamentos, mas uma distorção vai causar problemas. A lentidão institucional vai frear a implantação universitária da linguística moderna: esta vai sítar a fortaleza da Sorbonne, mas sem êxito. Será necessária uma verdadeira estratégia de assédio para lograr uma vitória difícil diante das posições bem estabelecidas do mandarinato acadêmico.

Ainda em Dosse (1993, p. 85-87), no subcapítulo “A periferia sítia o centro”, o autor retratou o campo lingüístico nos anos 50 como uma área de desinteresse em formar centros de pesquisa, no que tange a Sorbonne, enquanto havia uma contrapartida nos centros de Estrasburgo (filologia neolatina) e Besançon (lexicologia) que produziam encontros acadêmicos, mesas-redondas, colóquios, atas, revistas, “essa atividade intensa é ignorada, evidentemente, pela Sorbonne, mas começa a fazer-se conhecer mediante suas publicações” (DOSSE, 1993, p. 85).

É neste cenário que Greimas retornou à França, em 1945, para fazer seu doutorado na Sorbonne (antiga Universidade de Paris). A elaboração de sua tese, *La Mode en 1830. Essai de description du vocabulaire vestimentaire d'après les journaux de mode de l'époque*, demonstrou como a Sorbonne destinava pequeno apreço pela linguística. Entretanto, de acordo com Cortina (2017, p. 38), o estudo sobre moda realizado por Greimas "é o princípio de que existe um sistema determinante do sentido do discurso que veicula os ditames da moda no final do século XIX, embora isso não esteja ainda muito claramente apontado em seu texto". Os postulados que encontramos no atual projeto semiótico, entretanto, só tem início anos mais tarde quando Greimas mudou para o Egito e deu atenção aos estudos saussuro-hjelmslevianos. Foi em 1965, na *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, que Greimas (1976 [1966]) iniciou os estudos semióticos a fim de conceber uma teoria da significação, compreendendo a semiótica como uma construção contínua e coletiva. Desde a década de 60, desse modo, de acordo com Rey (1976), Greimas dedicou sua atenção aos dois modos de existência de uma linguagem e a concepção de signo por meio da união de dois elementos: o plano do conteúdo e o plano da expressão.

Com a obra fundadora da semiótica discursiva, *Semântica Estrutural*, Greimas (1976 [1966]) propôs para as ciências humanas um denominador comum sobre as pesquisas que investigavam a significação, já que nesse período havia uma "polarização" entre as ciências, em que as ciências da natureza investigavam o homem e o mundo e as ciências humanas os significados decorrentes do homem e do mundo. A semântica é apresentada por Greimas (1976 [1966], p. 12) como "a parente pobre da linguística", já que, por muitas vezes, fora deixada de lado enquanto a "onda" formalista dominava. Segundo Jean-Claude Coquet (*apud* DOSSE, 1993, p. 245), "*A Sémantique structurale* foi um livro verdadeiramente genial, pletórico de ideias, um livro mestre desse período".

Da perspectiva teórica, Greimas (1976 [1966], p. 14) prenunciava o papel da semântica dentro da linguística, na busca por elaborar métodos gerais "compatíveis com qualquer outra pesquisa sobre significação". Para o autor, já era tempo de enfrentar as dificuldades práticas entre as teorias, embora percebesse que criar uma metalinguagem precisa, com várias definições, poderia "parecer igualmente pedante e supérflu[a] ao destinatário cujo sistema de referências culturais é literário ou histórico", ou "insuficiente e excessivamente 'qualitativ[a]' aos lógicos e matemáticos" (GREIMAS, 1976 [1966], p. 14). Na dúvida, Greimas (1976 [1966], p. 14) pareceu optar por projetar uma disciplina que observe um campo em sua totalidade, esbarrando nas possíveis críticas e propondo um trabalho que pudesse ser utilizado em diversas vertentes, mesmo que corresse o risco de "descontentar a todos".

Preocupado com questões relativas à significação, Greimas (1976 [1966]) pressupôs que o discurso (plano do conteúdo) comportava níveis de invariância propondo análises além da concatenação de frases coordenadas ou subordinadas. Ainda que Greimas (1976 [1966]) fizesse aproximações às propostas de Saussure (2006 [1916]), entre elas, a compreensão da estrutura semântica do discurso em categorias sêmicas binárias, Rey

(1976, p. 246) esclarece que o autor enriqueceu a metodologia das análises narrativas com “problemas consideráveis” que desafiavam concepções gerais admitidas na linguística. Embora as definições neste artigo retratem apenas uma síntese deste livro seminal, as questões relativas à semântica são para Greimas (1976 [1966], p. 18) “reconhecida(s) assim abertamente como uma tentativa de descrição do mundo das qualidades sensíveis”.

Nesse primeiro momento, o objeto da língua natural seria formado por um conjunto de significantes, atinentes ao plano da expressão, sendo compostos por qualidades-significantes que remetem ao mundo natural por meio dos cinco sentidos (visão, paladar, olfato, tato, audição), e um conjunto de qualidades-significados que instituem o mundo sensível enquanto significação na medida em que seus elementos constitutivos “de diferentes ordens sensoriais” forem “captados como significados” (GREIMAS, 1976 [1966] p. 18). Nessa época, Greimas (1976 [1966], p. 27), concernente aos postulados de Lévi-Strauss, afirmava que o problema da significação poderia ser observado na existência de descontinuidades, no plano da percepção, e dos espaços diferenciais, criadores de significação, sem se preocupar com a natureza das diferenças percebidas.

Consequentemente a isso, o autor contextualizava sobre as articulações sêmicas da língua que seriam constituídas pela forma, ao passo que o conjunto de eixos semânticos “traduziria a substância”. Assim, a descrição de qualquer conjunto significante, dentro de uma análise, poderia ser levada em dois planos diferentes – o plano sêmico ou formal e o plano semântico ou substancial – e chegar a resultados diferentes (GREIMAS, 1976 [1966], p. 37). Por outro lado, a junção ou relação entre significante e significado – ou do plano da expressão e plano do conteúdo “[...] faz aparecer as unidades mínimas do discurso: o fonema e o lexema” (GREIMAS, 1976 [1966], p. 42). Tal combinação é constituída por uma pressuposição recíproca:

[...] é preciso também que as combinações de conteúdo assim obtidas se encontrem com o plano da expressão, para achar aí combinações paralelas e não isomorfas da expressão, constituindo, assim, [...] a manifestação linguística propriamente dita. (GREIMAS, 1976 [1966], p. 141).

No início da década de 70 do século XX, Greimas (1975 [1970]) prosseguiu com seus estudos ainda na tentativa de criar um denominador comum sobre as pesquisas que investigavam a significação e começou a descrever uma “semiótica do mundo natural”. Nesse período, o autor propôs trazer uma solução para o problema da referência e de:

[...] não considerar o mundo extralinguístico [...] como um referente absoluto, mas como o lugar de manifestação do sensível, capaz de se tornar a manifestação do sentido humano [...] de tratar este referente como um conjunto de sistemas semióticos mais ou menos implícitos. (GREIMAS, 1975a [1970], p. 49).

Assim, a semiótica se enveredou no campo da relação entre as línguas e esses “sistemas de significação do mundo natural [...] não como uma referência do simbólico ao natural, do variável ao invariante, mas como uma rede de correlação entre dois níveis de realidade significativa” (GREIMAS, 1975 [1970], p. 49). Com a publicação de *Sobre o Sentido* (1975 [1970]), Greimas retomou o conceito de signo propondo que o objeto semiótico está para além das dimensões frasais e postulou, na esteira de Hjelmslev (2006 [1943], p. 23), que um texto é um signo formado que se projeta sobre duas substâncias que se contraem por meio de uma relação de significação que são os sistemas de figuras (do conteúdo e da expressão).

| O modelo “dual” de signo

Encontramos na teoria linguística geral a noção de planos da linguagem como um modelo “biplanar” de signo que pode ser definido por, pelo menos, quatro metodologias:

- Whitney (1870 [1867]) e Bréal (1992 [1904]), no final do século XIX, começaram a responder questões sobre as línguas através de uma análise diacrônica da estrutura do signo;
- A metodologia empregada por Saussure (2006 [1916]), por meio de uma abordagem linguística e não histórica e, sim, descritiva e sincrônica, levou à separação dos dois planos e à definição da arbitrariedade do signo;
- A metodologia descritiva da língua natural empregada por Hjelmslev (2006 [1943]), que, a partir dos pressupostos saussurianos, da proposição da concepção da arbitrariedade do signo, instaurou o princípio da semiologia, que deriva como modo de presença e vida dos signos na vida social, posteriormente definindo signo à função semiótica;
- A metodologia empregada por Jakobson (1971 [1952]; 1972 [1967]) partiu da classificação das ciências destinadas a tratar da linguagem de forma geral e, da literatura, de forma específica. O autor propiciou a compreensão para análise do poema como elemento, permitindo discorrer sobre qualquer sistema de signos, tanto do ponto sincrônico, quanto diacrônico.

Destarte, a noção de signo no século XIX possibilitou a ultrapassagem da comparação entre línguas, até então tida como um “estatuto” no estudo de linguistas dessa época, e influenciou as acepções gerais da linguística como ciência no século XX. Traçamos um paralelo entre determinados conceitos e ideias desenvolvidos por dois linguistas, Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]), no século XX, que ajudaram Greimas (1976 [1966]; 1975 [1970]) a delinear aspectos importantes relativos à noção de planos da linguagem como modelo operatório de análise da semiótica. Portanto, procuramos demonstrar como as acepções em torno de signo, definidas por Hjelmslev (2006 [1943]) e Jakobson (1971 [1952]), ampliaram o debate sobre a significação e a noção de planos da linguagem.

Se por um lado, Saussure (2006 [1916], p. 141) defendia que a língua é forma e não substância, Hjelmslev (2006 [1943], p. 33) conjecturava que a “linguagem seja uma entidade autônoma de dependências internas”, sua conceituação sobre a linguagem definiu o signo como uma função semiótica composta por um conteúdo e uma expressão que são constituídas por uma forma⁴ e uma substância. O autor procurou inferir a existência, tanto metodológica quanto operacional, de um fator comum, o sentido, às várias realizações linguísticas e, para isso, consolidou a ideia de solidariedade na linguagem entre duas faces do signo, ou seja, a relação mútua entre um plano do conteúdo e um plano da expressão.

Parece-nos que fica mais claro, na medida em que avançam os estudos da linguística como ciência no século XX, que os signos são constituídos por estruturas “*conformes*” em que a manifestação mobiliza o conceito e vice-versa⁵. Hjelmslev (2006 [1943]) conceituou uma tipologia dos planos e das suas articulações de modo que possamos observar os planos da linguagem como elementos indispensáveis no processo de significação. Jakobson (1971 [1952]), por outro lado, agregou as análises da ciência linguística ao tomar a linguagem como um sistema, de certa forma fechado em si mesmo, mas que é proveniente da interação. Sobre esse aspecto, o autor não dispensou a fala, da dicotomia proposta por Saussure (2006 [1916]), para estabelecer uma relação, mais ou menos estreita, entre o conteúdo dos signos e o sistema conceitual que os organiza.

De acordo com Jakobson (1971 [1952]), a linguagem também possui um caráter *dual*, que seria o caráter da seleção e o caráter da combinação relativos aos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Nesse sentido, para o autor, a todo signo linguístico eram indispensáveis os dois arranjos: combinação, relativa ao contexto, e seleção, relativa à possibilidade de substituição de termos. De todo modo, a transição dos estudos entre os séculos XIX e XX passou a perceber o signo em uma relação solidária na constituição da linguagem, entre dois elementos (significado e significante ou plano do conteúdo e plano da expressão) que operam em conjunção na busca do sentido.

| Considerações finais

Assim, com base na proposta apresentada, temos a seguinte composição:

Whitney (1870 [1967], 1892, 1893) – a noção de signo é conceituada por meio do processo de importação de uma língua para a outra, compreendendo, assim, que a linguagem seja resultado desse processo da língua em movimento e, conseqüentemente, caracterizada por formas e conceitos (ideias) que são resultantes do processo de experimentação de determinado signo;

4 Mesmo que Hjelmslev (2006 [1943]) tenha privilegiado a noção da forma, a ideia da substância é discutida nos *Prolegômenos*.

5 Dessa relação, o caráter *dual* do signo se consolida por pressuposições e superposições.

Bréal (1992 [1904]) – a noção de signo é designada pelo valor do signo linguístico, considerado pelo autor como arbitrário e mutável, e resultante de um processo coletivo da língua que se transforma no decorrer do tempo e propõe novos signos;

Saussure (2006 [1916]) – a noção de signo como unidade de representação, significado e significante, e com valor de mutabilidade linguística, que também é assegurada pelo fator temporal que decorre das mudanças sociais. O signo, em Saussure (2006 [1916]), é unidade dupla de articulação da linguagem, permitindo que os falantes se comuniquem e compreendam as ideias e a significação em sua totalidade;

Hjelmslev (2006 [1943]) – ao compreender que a noção de signo seja uma representação, o autor propôs duas dimensões de representações por meio de dois planos: o plano do conteúdo e o plano da expressão. Trabalhou a ideia de que cada plano seja constituído de subsistemas figurais pelas suas formas (texto) e substâncias (sistema) e descreveu o processo de “importação da língua”, utilizado no século XIX, como um problema do sincretismo, que seria, *grosso modo*, a transposição ou a junção dos dois planos no processo de significação;

Jakobson (1971 [1952]) – o termo “signo” é também compreendido como uma representação, porém o autor trabalhou com a questão sobre as oposições das duas dimensões do signo, o plano do conteúdo e o plano da expressão. Para Jakobson (1971 [1952]), ainda, o significado de um signo linguístico não seria mais que uma tradução por um outro signo que pode ser substituído, remetendo novamente à questão da importação da língua apresentada por Whitney (1870 [1967], 1892, 1893);

Greimas (1976 [1966]) – trabalhava com as dimensões de representações do signo, plano do conteúdo e plano da expressão, pela distinção e relação entre um plano e outro, propondo observar todas as formas de linguagem por meio de elementos constituintes dos planos do conteúdo e da expressão.

Assim, a descrição e definição da noção de signo em Whitney (1870 [1967], 1892) e Bréal (1992 [1904]) não apresentam uma distinção detalhada dos elementos que constituem o signo, a discussão se dava na forma como o signo pode ser compreendido, como um processo que decorre por causa das transformações da língua e é efetuado e modificado pelo exercício da linguagem. Em Saussure (2006 [1916]), por outro lado, a distinção é mais marcada, pois ele diferenciou o termo *significado* de *significante* e elabora questões que incorporam noções a respeito de cada termo em toda discussão do *Curso de Linguística Geral*.

Já Hjelmslev (2006 [1943]) propôs descrições mais detalhadas a respeito do signo e significado e significante, desdobrando essas terminologias para os termos plano do conteúdo e plano da expressão, principalmente ao distinguir como essas dimensões da representação do signo podem se sobrepor, se unir ou se relacionar, problematizando questões que, mesmo na contemporaneidade, são um desafio, como a questão do sincretismo e a relação intrínseca com a sobreposição e junção dos planos da linguagem.

Jakobson (1971 [1952]) acrescentou à definição da noção de signo, proposta anteriormente, a questão da tradução ou importação das dimensões de representação do signo, plano do conteúdo e plano da expressão, além de trazer a questão da interação própria dos falantes como fator determinante para a formação do signo.

Greimas (1976 [1966]), na obra fundadora da semiótica, *Semântica Estrutural*, observou o signo pelos seus elementos constituintes e propõe distinções teórico-metodológicas do plano do conteúdo e do plano da expressão (como elementos constituintes).

Para a constituição dos primeiros elementos de uma terminologia operacional, por meio de planos da linguagem, Greimas (1976 [1966], p. 18-19), em *Semântica Estrutural*, designou como significado a significação ou as significações recobertas pelo significante, em que a existência de um elemento pressupõe o outro e atribui que a significação independe da natureza do significante pela qual se manifesta. Assim, a relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão que temos nesse momento não seria arbitrária, como propôs Saussure (2006 [1916]), mas descontínua. É por esse viés que os estudos avançam, já que Greimas (1975a [1970]), em *Sobre o Sentido*, afirmou que o signo é contraído por meio de uma relação de significação, ou seja, constituído por dois termos, assim, o sentido só poderia ser concebido pela “transcodificação de significações”. A possibilidade de transcodificação de significações, postulada por Greimas (1975a [1970], p. 15), nos permite observar os planos da linguagem enquanto forma do sentido que permitiria converter um conteúdo significante para análise de sistemas semióticos distintos.

De todo modo, pressupomos que os hipônimos da noção de planos da linguagem, demonstrados até aqui, podem pertencer, num sistema linguístico, ao mesmo campo semântico do plano do conteúdo e do plano da expressão, o que se distingue entretanto, são os aspectos sociais e históricos de cada período que fazem com que linguistas e semioticistas trabalhem na busca da significação para textos mais complexos ou que articulam diferentes linguagens para um único sentido.

Os elos teóricos e metodológicos estabelecidos neste estudo, entre as obras e as ideias de cada autor, foram somente esboçados. Do ponto de vista prático, procuramos estabelecer um ensaio das principais acepções em torno de signo e planos da linguagem na linguística e na semiótica discursiva, bem como a aplicabilidade metodológica de cada autor.

| Referências

BADIR, S. *Hjelmslev*. Paris: Les Belles Letres, 2000.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. 2. ed. Campinas: Pontes, 1988 [1966].

BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica*. Tradução D. Aída et al. São Paulo: Pontes/EDUC, 1992 [1904].

DOSSE, F. *História do estruturalismo: I. O campo do signo, 1945/1966*. 2. ed. São Paulo; Campinas: Ensaio; Ed. da Unicamp, 1993.

CORTINA, A. Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas. *Estudos Semióticos* [on-line], São Paulo, v. 13, n. 2 (edição especial), p. 37-50, dez. 2017. Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 4 jun. 2018.

FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à Linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. 2. ed. São Paulo: Cultrix/ Universidade de São Paulo, 1976 [1966].

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido – ensaios semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975 [1970].

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2006 [1943].

HOLENSTEIN, E. *Introdução ao pensamento de Roman Jakobson*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JAKOBSON, R. *A geração que esbanjou seus poetas*. São Paulo: Cosac Naify, 2006 [1930].

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1971 [1952].

JAKOBSON, R. *Fonema e Fonologia*. Tradução J. M. Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972 [1967].

JAKOBSON, R. *Linguística; poética; cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970 [1968].

KOERNER, K. *Approaches to Semiotics. Contribution au débat post-saussurien sur le signe linguistique*. The Hague: Mouton, 1972.

MILNER, J. C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

REY, A. *Théories du signe et du sens, Lectures II*, Paris, Klincksieck, 1976.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. *Ecrits de linguistique générale établis et édités* par Simon Bouquet et Rudolf Engler avec la collaboration d'Antoinette Weil, Paris: Gallimard, 2002 [1916].

SCHNAIDERMAN, B. Prefácio. In: EIKHENBAUM, B. *et alii. Teoria da Literatura: formalistas russos*. Tradução Ana Mariza Ribeiro *et alii*. Porto Alegre: Globo, 1971.

TEIXEIRA, I. O formalismo russo. *Cult: Revista Brasileira de Literatura*, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 36-36, ago. 1998.

WHITNEY, W. D. *Language and the study of language*. 3. ed. London: N. Trübner, 1870 [1867].

WHITNEY, W. D. *La vie du langage*. Paris: Didier, 1988 [1875].

WHITNEY, W. D. *The life and growth of language: an outline of Linguistic science*. New York: Appleton, 1892.

ZILBERBERG, C. *Razão e poética do sentido*. Tradução Ivã Carlos Lopes; Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: EdUSP, 2006b [1981].

Como citar este trabalho:

CASTRO, Carolina Mazzaron de; PORTELA, Jean Cristtus. Das primeiras noções de signo aos planos da linguagem na semiótica greimasiana. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 169-185, jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em "dia/mês/ano". <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v16i1.17789>.